

O futebol vira notícia: um lance da modernidade. Uma História do futebol em Porto Alegre – 1922 -1933

MAURICIO BORSA¹

Este artigo pretende fazer uma breve análise do futebol em Porto Alegre através do olhar do Jornal *Correio do Povo* sobre os eventos futebolísticos ocorridos nesta cidade entre os anos de 1922 e 1933, mais especificamente os Campeonatos Brasileiros de Seleções Estaduais. Ainda assim pretende diagnosticar as tensões sociais que se manifestaram durante a realização destes eventos tendo como foco central a idéia de que o futebol é parte integrante do *processo civilizador* representado pelo advento da modernidade.²

Nos primeiros anos do século XX o futebol se popularizava com intensidade, ganhava espaço no cotidiano das cidades brasileiras e servia como cenário das contradições geradas pela modernidade. É importante advertir que nem todas as cidades do Brasil tiveram o mesmo e único agente influenciador das tendências. É ponto de consenso tributar aos ingleses a propagação do futebol pelo mundo. Contudo, dentro de um país geograficamente disperso como o Brasil, foram vários os fatores que auxiliaram a propagação do futebol, pois, juntamente com a influência dos jovens estudantes da elite que regressavam da Europa como a *vanguarda civilizatória* e com as escolas maristas e jesuítas instaladas no Brasil, é importante observar que a dispersão espacial dos investimentos ingleses pelo território nacional não nos permite indicar um único ponto no território pelo qual o futebol se introduz e se propaga pelo Brasil, embora seja necessário reconhecer a primazia de São Paulo.³

No caso do Rio Grande do Sul é fundamental ressaltar a via platina de introdução do futebol, como evidencia o estudo de Gilmar Jesus Mascarenhas citado acima. Portanto, por influência de ingleses, platinos e brasileiros que retornaram da

¹ Licenciado em História pela UFRGS; professor da Escola La Salle Pão dos Pobres; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ócio em El proceso de La civilizacion**. Fondo de Cultura Económica. México. 1992. e ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1990

³ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola na rede e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado USP. 2001. P 45.

Europa, o futebol chegou ao Rio Grande do Sul e se instalou com entusiasmo. Esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização e da identidade nacional no Brasil.⁴

Em comemoração ao centenário da independência do Brasil, diversos eventos culturais e esportivos são realizados no país, como a Semana da Arte Moderna em São Paulo e desafios esportivos entre as unidades da federação, sendo um destes acontecimentos o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de futebol. Nesta competição, os estados mediriam força nos campos de futebol e provariam uns aos outros seu nível de avanço em modernidade, pois o futebol, prática cultural importada da Inglaterra, era importante elemento não só de distinção social, mas de comprovação de estar acompanhando as mais modernas práticas européias.

A imprensa tornava-se palco de manifestação de parte da sociedade. No Rio Grande do Sul, esta caracterizava-se pelas fortes tendências políticas, influenciando diretamente na opinião pública local, de acordo com os interesses partidários. O Jornal Correio do Povo, fundado em 1895, por Caldas Junior se propunha, na contra-mão desta tendência, desde sua fundação em ser uma folha ‘apartidária’ e de grande credibilidade. Com efeito, já em seu primeiro editorial, o jornal expressava o anseio de ostentar a bandeira da neutralidade política, embora sempre tivesse firmado seu compromisso com as classes conservadoras e a moderna ordem social econômica e política. Desta forma, o jornal atuava como empresa jornalística no sentido moderno, preocupado com os lucros e produzindo para um mercado consumidor que tem suas necessidades próprias.⁵

A importação e principalmente o fortalecimento das idéias da modernidade e o esforço civilizador, caracterizadas fundamentalmente pela tentativa de imposição de padrões europeus nas primeiras décadas do século XX, foram decisivos nos debates sociais e políticos do país. Relacionando-se diretamente à rápida urbanização, ao

⁴ FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, sociedade e cultura.** São Paulo, Cia das Letras, 2007. p 61

⁵ Sobre o Jornal Correio do Povo ver RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo.** Síntese Rio-grandense. Editora da UFRGS, 1993 e GALVANI, Walter. **Um século de Poder. Os bastidores da Caldas Junior.** Mercado Aberto, 1994.

crescimento demográfico e sobretudo aos aspectos políticos assumidos por várias instituições, o futebol entra no circuito destes debates definidores daquela sociedade e de seus rumos históricos, bem como de suas tensões sociais.

Com isso, deseja-se estudar aspectos da sociedade de Porto Alegre colocadas em evidência nas coberturas do jornal *Correio do Povo* de uma competição de futebol em nível nacional dentro de um contexto social e político e cultural especial para o Brasil, seja pelas mudanças, seja pelas continuidades.

O futebol pode ser um poderoso instrumento de leitura da história, sendo plausível ver nele elementos não só referentes à prática esportiva, mas também traços da sociedade, da política ou da economia de um determinado espaço. É importante a idéia de Norbert Elias⁶ de que o esporte corresponde e é parte importante do *processo civilizador*, ao apaziguar emoções e internalizar marcas disciplinares. Assim, acreditamos que é possível estudar um evento esportivo e ir além das questões explicitamente ligadas a ele, retirando do labirinto das relações sociais e colocando em destaque questões como a identidade regional, a violência cotidiana, o racismo ou as questões de urbanização, pois, como assevera Jim Sharpe, “o acontecimento social ou individual isolados (...) podem ser estudados para proporcionar uma base para uma compreensão mais profunda daquela sociedade.”⁷

Consideramos a opinião de Hilário Franco Junior de que a história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações. Desta forma é viável considerar o futebol como um microcosmo da sociedade brasileira, o que implica reconhecer no esporte mais popular do mundo características da sociedade e do povo brasileiro. Igualmente, estudá-lo é reconhecê-lo como parte da sociedade e da cultura brasileira.⁸

Nos anos 1920, tanto em São Paulo e Rio de Janeiro como em Porto Alegre, o futebol tornou-se alvo de críticas e elogios, virou notícia. As discussões na imprensa dão indicação que o futebol já se tornara o esporte mais difundido no Brasil em todos os segmentos sociais. Ainda mais, elas sintetizavam as mais importantes questões e

⁶ ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. Op cit , pp 31-81

⁷ SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: Novas perspectivas**. São Paulo, Editora UNESP. 1992. pg. 58

⁸ FRANCO JR. Op cit. Pg 14

contradições brasileiras pelo futebol ser um ingrediente dinâmico das transformações em curso no tumultuados anos da década de 1920. A questão da nacionalidade, potencializada pelos festejos do centenário da independência, em 1922, dividia a elite do país. Os desacordos entre as oligarquias tornaram-se mais intensos e as disputas eleitorais mais acirradas. As grandes cidades eram tomadas por manifestações operárias e viraram palco de campanhas e revoltas pela instauração do voto secreto e pelo fim da política oligárquica.

Durante este período, Porto Alegre passou por transformações em sua estrutura social e econômica. Para isso a burguesia em ascensão buscava a consolidação de determinados valores que fossem ao encontro de seus interesses. Desta forma, tanto mudanças na estrutura física da cidade quanto o combate a antigos hábitos foram marcas importantes deste início de século.⁹

Por conseguinte, Porto Alegre passou a ter uma vida urbana agitada. Crescimento demográfico, industrialização, cinemas, teatros, competições de remo, provas de turfe e os jogos de futebol ditavam o cotidiano da cidade. Com esse crescimento veio também suas contradições e a conseqüente formação de um discurso de limpeza da cidade, regeneração da sociedade e renovação dos hábitos adequados à vida moderna. Com isso, a elite tinha que lidar com uma indesejável realidade, como alerta Hilário Franco Jr.

“(…) as cidades – verdadeiros centros amplificadores de tensões – promoviam um indesejável compartilhamento de espaços públicos. Elas se transformaram em palcos de manifestações políticas e culturais inconvenientes das camadas médias, do proletariado e dos demais setores subalternos. (...) As demandas sociais, abafadas pela estrutura política da República, encontravam nas cidades ambiente para sua expressão e proliferação. A entrada de clubes e jogadores de origem popular nas ligas amadoras insere-se no rol dessas demandas. Na verdade, ela significou a participação de setores subalternos num espaço reservado às elites brasileiras.”¹⁰

Esporte que deveria servir com meio de distinção social, o futebol é apropriado e resignificado pelas diversas camadas sociais evidenciando algumas contradições da

⁹ Sobre as mudanças na estrutura urbana de Porto Alegre ver: MONTEIRO, Charles. Porto Alegre: **Modernidade e Urbanização. A Construção social do Espaço Urbano**. Porto Alegre, EDIPUCRS. 1995

¹⁰ FRANCO JR. Op cit. p. 65 - 66

modernidade, colocando negros e brancos, pobres e ricos nos mesmos eventos, seja na prática do esporte ou na torcida.

Nesta conjuntura, Porto Alegre já possuía três ligas diferentes de futebol o que fazia deste esporte um dos aspectos relevantes do cotidiano da cidade e que ganhava cada vez mais espaço nas páginas dos jornais, como reflexo de sua importância. Duas dessas ligas eram ocupadas por membros das classes médias e altas da cidade, mas a população negra e pobre não ficava de fora deste cenário, tendo uma liga própria para prática do futebol.

Já no âmbito nacional, o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais em 1922 foi a primeira competição de futebol em nível nacional organizado pela Confederação Brasileira de Desportes. O recorte temporal escolhido para estudo – de 1922 a 1933 – deveu-se ao fato de o primeiro campeonato ter sido disputado no ano de 1922 e em 1933 o futebol tornou-se uma profissão regulamentada pelo Ministério do Trabalho, deixando assim, definitivamente, de ser somente uma prática para ocupar o tempo ocioso.

. É importante frisar que este trabalho não tem como objetivo o estudo da recepção que determinados textos publicados nos jornais têm na sociedade, leva-se em conta que os leitores não são meros receptores do que é escrito pela imprensa e que nem todos os artigos/reportagens alcançam a finalidade inicial pretendido por seu autor, tendo pelos leitores diversas possibilidades de recepção daquilo que é lido e/ou escrito.

Roger Chartier vê a leitura como uma prática criativa, pois a leitura produz algo que difere do texto dada a liberdade criativa dos leitores.¹¹ Para não cairmos em simplificação incorreta, “o restabelecimento de sua verdadeira complexidade exige um exame da relação muito estreita entre três pólos: o próprio texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende.” Fator fundamental para a prática da leitura e seu significado (compreensão) são os suportes no qual o texto é distribuído (os lugares ocupados pelas matérias nos jornais). Assim, “é fundamental lembrar que nenhum texto

¹¹ Contudo, chama a atenção para os elementos de coerção que reprimem esta liberdade e para a necessidade de identificar que coerções são essas, as estratégias para imposição de determinado ponto de vista de quem escreve [aqui há de se considerar o poder da estrutura, o *cárcere de ferro do sistema*, nas palavras de Max Weber].

existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor.”¹²

Levando isso em conta, nega-se a idéia de que a imprensa é meramente órgão imparcial e simples informativo dos acontecimentos. Entendemos a imprensa como “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida sócia”¹³, especialmente quando o jornalismo de cunho político-partidário perde espaço para um jornalismo que corresponde a uma lógica industrial de produção e estão ligadas à ascensão da de uma nova classe enriquecida, a burguesia.

Acreditamos que o modelo de jornalismo efetuado por nossa fonte principal, instrumento de intervenção na vida social, afluyente das transformações produtivas ocorridas no Rio Grande do Sul no final do século XIX e começo do século XX, pode ser inserido dentro da noção de “jornalismo integral’ recomendada por Antonio Gramsci, segundo a qual seria

“o jornalismo que não só pretende satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver tais necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, criar seu público e ampliar progressivamente sua área.”¹⁴

Como procedimento metodológico adequado para o trabalho com imprensa, além do fichamento das fontes, pretende-se atentar para o grau de repetição dos temas a fim de diagnosticar sua relevância. Desta forma retiramos algumas importantes lições para utilização de tal fonte nas considerações do texto de Tânia de Lucca¹⁵ e no artigo de Cláudio Pereira Elmir¹⁶. Segundo Elmir,

“O jornal jamais pode ser visto como um dado, a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade. Devemos ter uma leitura intensiva do jornal, quando ler intensivamente é o que

¹² CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In Hunt, Lynn. **A nova História Cultural**. Tradução. JEFFERSON LUIZ CAMARGO. Martins Fontes. São Paulo 2006. Pg 220-221

¹³ CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: Imprensa e ideologia: O jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo. Editora Alfa-Omega. 1980, pg XIX

¹⁴ GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Círculo do livro, SP. s/d. Pg. 147.

¹⁵ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

¹⁶ ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas possibilidades metodológicas de seu uso para pesquisa histórica. In: **Cadernos de Estudo**, nº 13. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995.

acontece com leitores cujo tempo da experiência da leitura não corresponde ao tempo da formulação do jornal”.¹⁷

Segundo Elias, ao estudar os fenômenos sociais do futebol, não se deve abordar a temática com o olhar estreito, nem como alguns especialistas que consideram o esporte como se fosse uma instituição social de nossa época que já nasceu e que existia por si só, independentemente dos demais aspectos da sociedade. O esporte é uma atividade dos seres humanos, tal como a religião e a política, por isso não se deve estudá-lo de maneira isolada. Para o autor

“Debe analizarse el acaecer, el desarrollo y sobre todo los cambios en la estructura de la personalidad, en la sensibilidad respecto e la violencia de los seres humanos que integraban aquellas clases.”¹⁸

Ainda conforme Elias, muitas atividades físicas proporcionam um cenário imaginário das tensões e emoções da vida real, como o futebol, não somente na prática, mas também os torcedores podem saborear a emoção mimética da batalha que se passa no terreno do jogo, sabendo que nenhum dos jogadores receberá algum dano.

Na sociedade em geral tem-se pouca oportunidade para a expressão coletiva de seus sentimentos mais vivos, sendo o estádio de futebol um espaço apropriado para isso. Elias ainda complementa ao afirmar que o esporte tende a fundir-se com as tensões da sociedade na qual está inserida. Tendendo, desta forma, a servir como “antídoto para as tensões de sobreexcesso que a coerção uniforme e constante tende a produzir como características comuns a todos os indivíduos nas sociedades complexas”.¹⁹

No entanto, não podemos esquecer que o futebol, como elemento cultural também tem sua dinâmica própria, tal como nos lembra Pierre Bourdieu ao afirmar que

“a história do esporte é um campo relativamente autônomo que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história

¹⁷ Idem Ibidem. Ainda assim devemos atentar para o fato de que nem sempre as intenções dos autores dos textos têm total recepção no momento de sua leitura, pois, como enfatiza o autor: “É claro que as práticas de leitura ou de apropriação não correspondem exatamente às intenções dos autores contidas nos textos lidos. Muitas vezes, a recepção pode não realizar o desejo daqueles que emitiram determinado juízo sobre alguma questão. Devemos levar em conta este tipo de diferenciação para evitarmos concluir através de nossa leitura intensiva relações que o leitor empírico na sua leitura extensiva não estabeleceu com o texto ou com as idéias.” pg. 21-24.

¹⁸ ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em El proceso de La civilizacion**. Op cit. Pg. 49

¹⁹ Idem ibidem. 57 – 59.

econômica e política, tem seu próprio tempo, suas leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.”²⁰

Em sua obra Elias dedicou alguns momentos para discutir a questão do esporte moderno dentro do processo civilizador. No livro, *A Busca da Excitação*, Elias e Dunning adotam os métodos e as teorias do processo civilizador e a dirigem para o esporte, em especial para o futebol.²¹ Conforme os autores o esporte pode ser utilizado como uma espécie de “*laboratório natural*” para a exploração de propriedades das relações sociais.²² O Autor demonstrou como o esporte corresponde e é parte importante do *processo civilizador*, ao apaziguar emoções e internalizar marcas disciplinares. Desdobrando o seu argumento central, verificou com Dunning, como o futebol e outros esportes foram gerados na estrutura social e política inglesa. Em resumo, pode-se dizer que o desenvolvimento dos esportes modernos é um exemplo de processo civilizador.

Já há algum tempo a teoria do *processo civilizador* vem sendo utilizada para entender como a prática do esporte se apresenta como uma questão relevante para o entendimento das relações sociais.

Essa compreensão torna-se possível, pois o esporte é inserido no contexto brasileiro no início do século XX, como uma nova prática. Entendendo que o *processo civilizador* para Elias é algo que ocorre em longo prazo, a tentativa modernizante brasileira pode ser compreendida como ‘esforço civilizador’ – termo utilizado para exemplificar a tentativa de introduzir hábitos europeus no cotidiano das cidades - no qual as metrópoles brasileiras sofriam um processo de domesticação do espaço público, acontecendo uma gradativa reestruturação, onde os cortiços foram “atacados”. Chegava também a energia elétrica, as máquinas, a indústria, o automóvel, o bonde. Conforme afirma Lucena:

“Nesse ambiente, o esporte se caracteriza com uma ação ‘nova’ e própria de uma sociedade em transformação. É considerado, pelas elites, como prática ‘civilizada’, por isso educada e educativa, em contraposição aos jogos tradicionais vistos como parte de uma

²⁰ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. pg. 137

²¹ ELIAS, N. **A busca da excitação**. Rio de Janeiro: Difel, 1997.

²² Idem ibidem. Op cit. Pg 18

sociedade colonial e arcaica, fonte de emergência de atitudes rudes e primitivas.”²³

Para o uso da noção de modernidade vamos ao encontro de Marshall Berman, que a define como “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo.”²⁴

E ainda a importante idéia de *unidade de desunidade*. Nas palavras do autor:

“A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.”²⁵

Soma-se a isto a indicação de Anthony Giddens de que a *modernidade* refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.²⁶

Também é adequado, em função do contexto social e político que remete ao recorte temporal proposto neste trabalho que

“quando falamos em modernidade, contudo, nos referimos a transformações institucionais que têm suas origens no Ocidente. (...) Em termos de agrupamento institucional, dois complexos organizacionais distintos são de particular significação no desenvolvimento da modernidade: o Estado-Nação e a produção capitalista sistemática.”²⁷

Assim sendo, seguindo sugestão de Edward Thompson²⁸, é apropriado que conceitos não sejam analisados ou utilizados de forma pura no decorrer do texto,

²³ LUCENA, R. **O Esporte na Cidade: aspectos de um esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2001. pg 43

²⁴ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo. Companhia das Letras, 2007. p. 24.

²⁵ Idem ibidem P 24

²⁶ GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, Ed.UNESP. 1991. Pg 11

²⁷ Idem Ibidem. Pg. 173

²⁸ THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. pg 67

como tipos ideais pairando sobre a realidade, mas sim aplicados em constante diálogo com o empírico

Neste sentido, o jornal *Correio do Povo* fazia acompanhamento diário da preparação do selecionado do Rio Grande do Sul desde a primeira participação do selecionado gaúcho. Entre comentários referentes ao desempenho dos atletas surge a figura do presidente do estado Borges de Medeiros na tentativa de auxílio ao seu representante esportivo. Esta ajuda ia da influência para liberação de algum atleta que fosse funcionário do governo federal ou do governo do estado a auxílio financeiro para as despesas com transporte, hospedagem e alimentação. Assim ocorreu desde o primeiro campeonato em 1922, com um íntimo acompanhamento do periódico a reuniões dos dirigentes da Federação Riograndense de Desporto com representantes do governo do estado.

Notável também é o interesse que a delegação riograndense causava pelo interior do estado. O caminho a ser seguido até Curitiba, local do primeiro desafio, era longo e demorado e como a viagem era feita de trem os gaúchos tinha que passar por boa parte do interior do estado, onde recebiam calorosas saudações dignas de notas nos jornais, como as recepções oferecidas em Santa Maria e Tupanciretã na região central.²⁹ As informações do enfrentamento entre gaúchos e paranaenses demoravam para chegar e enfatizavam o comportamento da torcida, violenta e agressiva, segundo as palavras da folha porto alegreense.

Já o encontro com os paulistas, chamados de mestres do futebol pelo jornal *Correio do Povo* terminou com derrota gaúcha. No entanto este confronto foi acompanhado de perto por dezenas de “populares” que esperavam as notícias em frente aos jornais.³⁰ O primeiro campeonato brasileiro de seleções terminou para os gaúchos, mas ao retornar foram recebidos com honras por dezenas de pessoas no porto de Porto Alegre.

O campeonato de 1925 teve intensa participação da imprensa, não só no íntimo acompanhamento da preparação do selecionado riograndense como no debate sobre as questões que envolvem o futebol inserido dentro de uma sociedade de uma cidade em

²⁹ *Jornal Correio do Povo*, 30/06/1922. N. 163, Ano ANO XXVIII. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

³⁰ *Jornal Correio do Povo*, 19/07/1922. N. 178, Ano ANO XXVIII. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

profundas transformações. Neste ano seria a primeira vez que Porto Alegre sediaria um jogo importante do campeonato, o que se tornava assunto obrigatório, como afirma o texto do dia 02 de julho de 1925:

“É assunto obrigatório a realização da eliminatória da zona sul do campeonato do Brasil patrocinado pela CBD. Pela primeira vez Porto Alegre sediará o jogo de dois centros esportivos importantes, Paraná e Rio Grande do Sul. A Federação rio-grandense de desportos se dedica permanentemente a realização do evento. No campo do Porto Alegre realizar-se-á mais um treino. Só é permitida a entrada de sócios do Porto Alegre, diretores dos clubes e da Apad e à imprensa.”³¹

Aspectos importantes podemos destacar desta simples notícia, como o alto relevo que o jornal dá ao assunto dizendo-o “obrigatório”, pois considerando um possível exagero de um amante do futebol é notório que o futebol se torna notícia na cidade. Outro aspecto fundamental para análise deste breve trecho é a exclusividade de assistir aos treinos apenas para sócios dos clubes e para a imprensa, efetuando uma clivagem no público que frequenta estes treinamentos, pois só eram sócios e dirigentes dos grandes clubes da cidade quem tinha um poder aquisitivo relativamente alto, excluindo, portanto, grande parcela da sociedade, talvez os mesmos “populares” que se aglomeravam na frente dos jornais esperando notícias sobre os jogos fora de Porto Alegre.³²

Com isso afirmamos que é possível ver, não somente as opiniões e questões que moviam a elite porto alegreense (pois consideramos o jornal um espaço de manifestação das elites), como também as demais classes sociais por meio de suas expectativas e opiniões. Anseios estes que promoviam a exclusão da população pobre do centro da cidade, bem como a tentativa de afastamento destas classes das práticas e eventos inicialmente destinadas às elites. Outra forma de modernização da cidade era a tentativa,

³¹ Jornal Correio do Povo, 02/07/1925. N. 160, Ano XXI. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

³² Segundo Claudio Pereira Elmir, em artigo sobre exclusão e modernidade em Porto Alegre, “a intenção de segregar, separar ou afastar o “diferente” do convívio dos “iguais” é traída por uma lógica de modernização da cidade que exige a expansão do seu espaço físico através da integração de suas várias regiões. Podemos dizer, desta forma, que não existe um processo unívoco de exclusão, mas um embate contínuo entre forças centrífugas e centrípetas do qual resulta a conformação social e territorial da cidade.” In. ELMIR, Claudio Pereira. Porto Alegre: a perda da cidade (Fragmentos de modernidade e exclusão social no Sul do Brasil). **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 105- 119, dezembro 2004.

seja por exclusão, seja por força policial, de imposição de determinados padrões de comportamentos nos jogos de futebol.³³

Segundo o periódico, praticar o futebol era comprovação de modernidade neste período em que as principais cidades do Brasil e da América Latina passavam por um processo de modernização evidenciado pela intensa urbanização da sociedade.

Também eram recorrentes os debates entre os colaboradores do *Correio do Povo* sobre a validade do futebol enquanto esporte moderno e adequado ou não aos brasileiros, como em artigo de Amadeu Amaral, membro da Academia Brasileira de Letras, intitulado “O futebol está na berlinda” onde acusa os “inimigos do futebol” de serem “mansuetos e delicados”, “cavaleiros finos”, que “se encomodam com a jovialidade, a semi nudez e influência nos costumes da sociedade”. Ainda, “é preferível a violência dentro de campo do que em casa, na rua ou na escola”. Respondendo à crítica de que o futebol afasta os jovens dos estudos afirma que “se o povo não fosse ao jogo, não iria a biblioteca e sim as botecos”.³⁴

A imprensa coloca a sociedade, quase em sua totalidade, em visibilidade. Não afirmo aqui que todas as classes sociais tinham espaço reservado na grande imprensa porto alegreense, contudo não podemos ficar presos a uma leitura superficial nos jornais e enxergar apenas aquilo que seus editores queriam que seus leitores notassem. É possível, através da leitura intensiva dos periódicos, resgatar os elementos de coerção presentes em determinados contextos.

Os artigos e reportagens do período analisado indicam a existência de um público bastante fiel ao esporte, o que suscita uma série de discussões em relação à forma adequada de se portar durante um jogo de futebol. Assim, é possível identificar, através dos textos dos jornais, o jogo de interesses e conflitos que o futebol gera na sociedade bem como a tentativa de imposição de um determinado comportamento não só durante as partidas como também na vida cotidiana.

São muitas as potencialidades de estudo do futebol, campo que vem em crescimento embora ainda não esteja entre os “grandes temas” das pesquisas históricas e que ainda sofre com a herança deixada pelos que por muito tempo escreveram sobre

³³ Sobre o tem ver: MAUCH, Cláudia. **Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Santa Cruz do Sul: EDIUNISC/ANPUH-RS, 2004.

³⁴ *Correio do povo*, 7 de julho de 1925, ano XXXI, Nº 157 - Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

futebol, reproduzindo preconceitos e perpetuando memórias de vitórias de seus times, negligenciando todo o processo histórico da formação do futebol brasileiro.

Conforme o sociólogo Mauricio Murad

“O futebol é o ritual de maior substância da cultura popular brasileira, metáfora privilegiada de nossas estruturas básicas. Estudá-lo é abrir um leque inimaginável de possibilidades temáticas, de trabalho, de pesquisa e de conhecimento em torno da realidade brasileira. Como objeto polissêmico que é, oferece eloqüente expressividade sociológica, que **permite a investigação alcançar nossas questões básicas enquanto povo, enquanto história.**

O futebol, como nossa paixão popular e esporte número um, encena um ritual coletivo de intensa densidade dramática e cultural, pleno de conexões múltiplas com a realidade brasileira. (grifo meu).”³⁵

De tal modo, acredita-se que o futebol é representativo da sociedade brasileira e dos seus significados, bem como de suas contradições. Em outras palavras, uma combinação de simbologias por meio das quais podemos estudar o Brasil. Por conseguinte, cremos que é oportuno o estudo proposto nas páginas acima, seja pela relevância social deste esporte das multidões como por sua possível contribuição à historiografia.

FONTES

- Jornal *Correio do Povo*, do meses de junho, julho e agosto entre os anos de 1922 e 1925, ANOS XXVIII ao XXXI, localizados no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa na cidade de Porto Alegre.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional.** Mauad. 2002.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: Imprensa e ideologia: O jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo. Editora Alfa-Omega. 1980

³⁵ MURAD, Mauricio **Dos pés a cabeça. Elementos básicos de sociologia do futebol.** Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996. Pg. 16

- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**. Tradução. JEFFERSON LUIZ CAMARGO. Martins Fontes. São Paulo 2006
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1990
- ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELLIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em El proceso de La civilizacion**. Fondo de Cultura Económica. México. 1992.
- ELIAS, N. **A busca da excitação**. Rio de Janeiro: Difel, 1997
- ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas possibilidades metodológicas de seu uso para pesquisa histórica. In: **Cadernos de Estudo**, nº 13. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995.
- ELMIR, Claudio Pereira. Porto Alegre: a perdida cidade una (Fragmentos de modernidade e exclusão social no Sul do Brasil). **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 105- 119, dezembro 2004.
- FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, sociedade e cultura**. São Paulo, Cia das Letras. 2007
- GALVANI, Walter. **Um século de Poder. Os bastidores da Caldas Junior**. Mercado Aberto, 1994.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, editora UNESP. 1991.
- GRANSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Círculo do livro, SP. s/d.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo, Nova Alexandria. 2002.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola na rede e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado USP. 2001
- Alegre. **Anos 90**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, nº11, julho de 1999, p.144-161.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005
- LUCENA, R. **O Esporte na Cidade: aspectos de um esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2001
- MAUCH, Cláudia. **Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Santa Cruz do Sul : EDIUNISC/ANPUH-RS, 2004.
- MONTEIRO, Charles. Porto Alegre: **Modernidade e Urbanização. A Construção social do Espaço Urbano**. Porto Alegre, EDIPUCRS. 1995
- MURAD, Mauricio **Dos pés a cabeça. Elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- RIGO. Luis Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas, Ed. UFRGS. 2004

RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Síntese Rio-grandense. Editora da UFRGS, 1993

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: Novas perspectivas. São Paulo, Editora UNESP. 1992.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.